

O ENSINO DE ARTES NO BRASIL E AS CONSEQUÊNCIAS DA SUA DESVALORIZAÇÃO

WESLEY PADILHA BLANKE¹;
CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²

¹*Universidade Federal de Pelotas – wesblanke@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – clauummattos@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O trabalho trata de analisar o ensino de artes no Brasil e discorre a respeito de sua histórica e constante desvalorização no currículo das escolas do país. Em contrapartida, é comum perceber uma supervalorização às disciplinas consideradas "mais importantes". Essas áreas com relevância elevada referem-se à português e as ligadas às exatas, como a matemática. Podem até passar por química e física, mas dificilmente vemos alguém atribuir tamanha importância às disciplinas ligadas às artes. A discussão apresentada está na base do projeto de dissertação desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Artes (CA/UFPel), na linha de Pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética.

Apesar de ser parte integral do currículo escolar do ensino básico desde 1996, a disciplina de artes viu seu valor sendo esvaziado conforme o passar dos anos. Tal hostilização pela área de artes acaba por se estender, inclusive, aos meios universitários. Em novembro de 2022, o site ZipRecruiter divulgou uma pesquisa, replicada em diversos veículos renomados de informação, onde mostrava que, das 1.500 pessoas com algum diploma de curso de graduação entrevistadas, 44% delas haviam se arrependido de concluir o curso na qual se formaram. Artes foi o terceiro curso mais citado, onde 72% dos graduados nesta área afirmam que gostariam de ter escolhido uma formação diferente. O motivo já conhecemos: a baixa valorização. As áreas que oferecem baixos salários fazem com que os profissionais acabem migrando para outras áreas de atuação, não exercendo a profissão na qual são formados.

Portanto, considero necessário um olhar sensível voltado às questões que envolvem a arte/educação, uma vez que se trata de uma disciplina não convencional, que prioriza nutrir esteticamente os/as educandos/as (MARTINS, 2011) e sensibilizar os olhares. Tarefas essas, fundamentais para uma formação crítica e reflexiva.

2. METODOLOGIA

Tais reflexões partiram de experiências em sala de aula, resultantes do período em que estive concluindo minha graduação em Artes Visuais - Licenciatura pela Universidade Federal de Pelotas. Estar por tanto tempo inserido nestes espaços escolares me fez notar que, em diversos exemplos do cotidiano, a disciplina de artes acaba por ser tratada com desdém em relação às outras áreas, seja pelo próprio corpo docente até mesmo por pais e responsáveis.

Curioso para tentar compreender como se dá a estrutura escolar de formação docente no Brasil, procurei por dados do Censo Escolar de 2022. Após análise dos dados encontrados, pude tecer reflexões que se relacionam com as questões percebidas em minhas experiências nas escolas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

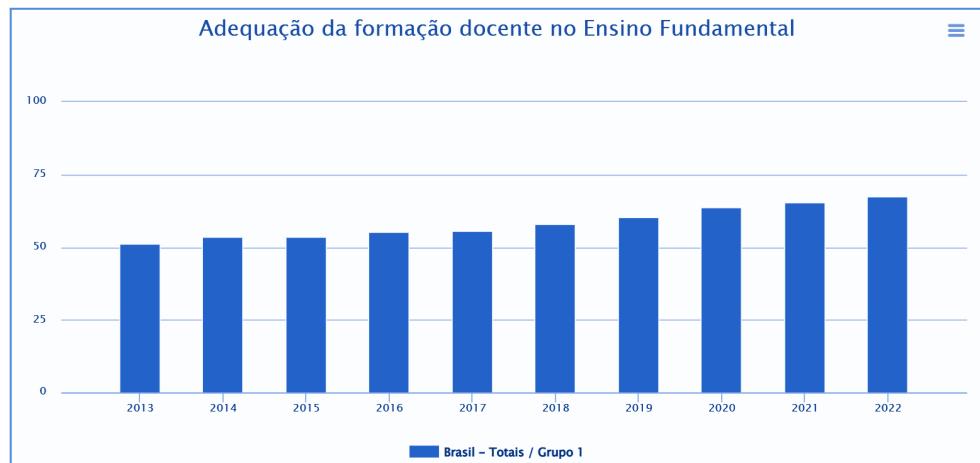


Tabela 1: Comparação anual de adequação da formação docente no ensino fundamental.
Fonte: Fundação ABRINQ com dados do Ministério da Educação (MEC).

Pensando em um ponto de vista mais técnico, a Tabela 1, disponibilizada pela Fundação ABRINQ (Observatório da Criança e do Adolescente), apresenta um indicador classificando a adequação dos docentes e suas formações para as disciplinas que lecionam. Considerando os docentes de todas as disciplinas, tal como todos os anos do Ensino Fundamental, apenas 67,6% dos professores e professoras presentes em sala de aula possuem formação superior na área que estão lecionando. Com exceção de 2016 — quando o número oscilou de 53,5% em 2015 para 55,3% no ano seguinte —, os índices de adequação vêm crescendo. Mas, se paramos para pensar que os números representam apenas um pouco mais que a metade, os resultados podem ser preocupantes.

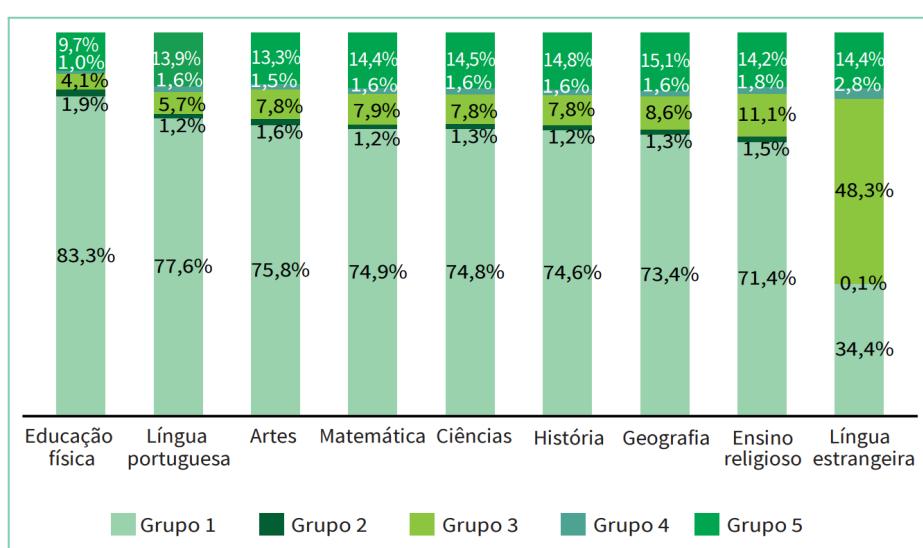


Tabela 2: Indicador de adequação da formação docente para os anos iniciais do ensino fundamental, segundo a disciplina - Brasil - 2022

Fonte: Elaborado por Deed/Inep baseado nos dados do Censo Escolar 2022.

Quando olhamos os números específicos dos indicadores de adequação da formação docente por disciplina (Tabela 2), podemos analisar detalhes mais aprofundados. Quase que 76% dos professores de artes dos anos iniciais do ensino fundamental possuem a formação adequada em licenciatura para lecionar a disciplina, número maior que a de ciências e língua estrangeira — pior índice entre as áreas do gráfico —, por exemplo.

Para as tabelas seguintes, leva-se em consideração as definições dos cinco grupos categorizados:

- ✓ Grupo 1 - Docentes com formação superior de licenciatura (ou bacharelado com complementação pedagógica) na mesma área da disciplina que leciona.
- ✓ Grupo 2 - Docentes com formação superior de bacharelado (sem complementação pedagógica) na mesma área da disciplina que leciona.
- ✓ Grupo 3 - Docentes com formação superior de licenciatura (ou bacharelado com complementação pedagógica) em área diferente daquela que leciona.
- ✓ Grupo 4 - Docentes com formação superior não considerada nas categorias anteriores.
- ✓ Grupo 5 - Docentes sem formação superior.

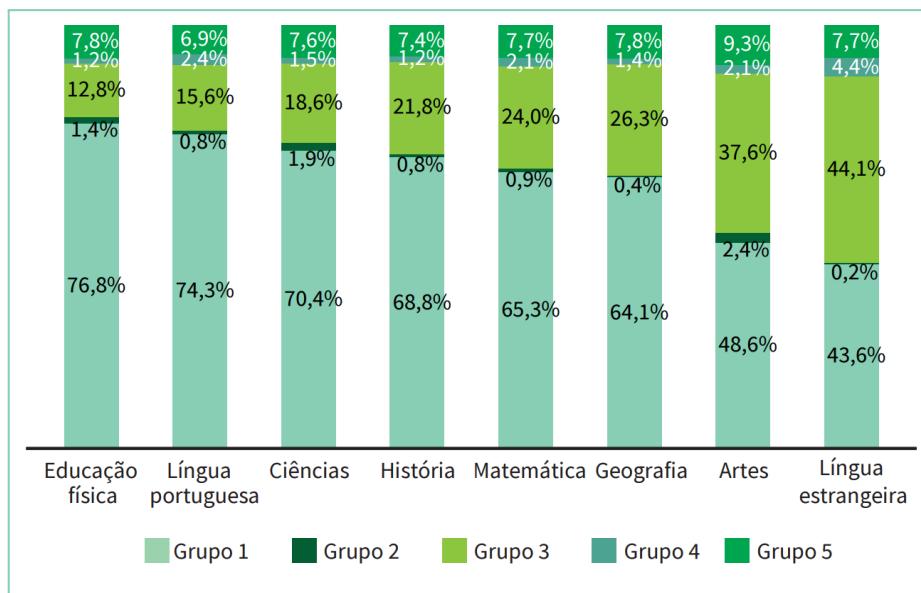


Figura 3: Indicador de adequação da formação docente para os anos finais do ensino fundamental, segundo a disciplina - Brasil - 2022

Fonte: Elaborado por Deed/Inep baseado nos dados do Censo Escolar 2022.

No entanto, quando analisamos os anos finais do ensino fundamental (Tabela 3), os números mudam abundantemente, um apontamento importante que mostra que uma parte significativa leciona disciplinas sem ter a formação em licenciatura adequada ao currículo exigido pela aula. Os professores e professoras de artes com formação docente na área somam apenas 48,6%, o segundo pior índice das oito áreas analisadas no gráfico (educação física, língua portuguesa, história, matemática, ciências, geografia e língua estrangeira e artes) — nos dados do ano anterior configurando como o pior índice.

A intenção não é desmerecer os profissionais que não têm formação superior de licenciatura em artes e que estão ocupando essas salas de aula, nem pôr em dúvida a capacidade que eles têm quanto docentes, no geral, afinal não conhecemos o contexto em que estão inseridos. Mas será que esses profissionais têm compreensão da dimensão do espaço que eles estão ocupando em sala de aula? Será que esses profissionais estão realmente capacitados para explorarem de forma rica e abrangente todas as questões que envolvem uma aula desse campo?

A disciplina de artes não pode seguir um modelo de avaliações convencionais, pois é difícil medir todos os alcances intelectuais e pessoais que impactam as crianças e jovens que estão vivenciando aquela aula. Além disso, os dados mostram um menosprezo grandioso com a área, uma vez que não vêem necessidade de contratarem um docente com formação adequada para lecionar artes, mas uma forma clara de hostilizar nossa área no sistema mercadológico do qual é pensado o ensino. O ensino da arte requer dos arte/educadores um papel muito mais mediador do que o de sujeito sábio, imposto pela metodologia tradicional, chamada também de "educação bancária" por FREIRE (1987), onde ele define esse processo incentivador da relação "opressor e oprimido".

4. CONCLUSÕES

Dessa forma, a área de artes acaba por ser hostilizada nesse sistema de controle e vigilância, assim, sendo afetada quanto ao seu espaço na escola. Por não ser um conteúdo que converse com as práticas mercadológicas, nem tenha um apelo lógico — como as matérias relacionadas às exatas —, nosso campo acaba por ser muito desvalorizado, mesmo que todas as disciplinas tenham sua importância.

Não há sentido em desmerecer uma área que contribui de forma tão abundante para a expansão do ser humano, tal como no desenvolvimento das linguagens, a coordenação motora de crianças e, até mesmo, no processo de reconhecimento da pluralidade cultural existente no mundo.

Estamos acostumados, como sociedade, a ter dificuldade em notar algo não palpável, enxergar coisas não explícitas, e não dar espaço para disciplinas que nos instiguem a despertar e libertar esses sentidos é perpetuar com esse ciclo vicioso de deslegitimação às práticas relacionadas a disciplinas não-convencionais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. **Arte, só na aula de arte?** Educação, Porto Alegre, v. 34, n.3, p. 311-316, set./dez, 2011.

EDUCAÇÃO, Ministério da. INEP. **Pesquisas Estatísticas e Indicadores Educacionais: Censo Escolar 2022**. Acessado em 20 set. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados/2022>